

## ESPOROTRICOSE EM CÃO

**FRANCISCO, Luciane Severo<sup>1</sup>; GUTERRES, Karina Affeldt<sup>2</sup>; SILVA, Cristine Cioato da<sup>3</sup>; GASPAR, Luiz Fernando Jantzen<sup>4</sup>.**

1 Acadêmico do curso de Medicina Veterinária – FV/ UFPel, Brasil; 2 Resid. PPG de Medicina Veterinária – FV/UFPel; 3 Resid. PPG de Medicina Veterinária – FV/UFPel; 4 Prof. Departamento de Clínicas Veterinárias – FV/UFPel. [luuhsevero@hotmail.com](mailto:luuhsevero@hotmail.com)

### 1 INTRODUÇÃO

A esporotricose é uma micose, subcutânea e zoonótica, causada pelo fungo dimórfico *Sporothrix schenckii* que afeta animais e humanos (MADRID, 2007). O *S. schenckii* tem uma distribuição mundial e no ambiente apresenta-se em forma de micélio. Uma vez no hospedeiro, o microorganismo adquire a forma de levedura, caracterizando o agente como dimórfico (HARVEY, 2001).

Em cães, a forma cutânea é a mais comumente relatada, caracterizada por nódulos firmes e múltiplos, placas ulceradas com bordas elevadas ou áreas anulares, crostosas e alopecias (FILGUEIRA, 2009). As formas cutaneolinfática e a disseminada podem ocorrer, embora sejam mais raras (SOUZA, 2009). Trabalhos têm descrito a ocorrência da enfermidade com envolvimento ósseo nos animais (MADRID, 2007), e quando ocorre, não há prurido ou dor envolvidos (LARSSON, 2005). A inoculação do fungo no organismo animal pode ocorrer a partir de espinhos de vegetais contendo o *S. schenckii* que será, então, inoculado através da pele por traumas perfurantes ou por animais contaminados, através de arranhaduras ou mordidas (VIEIRA, 2008).

O diagnóstico é baseado na citologia, histopatologia e cultura fúngica (VERDE, 2005). O exame microscópico direto consiste na pesquisa do agente etiológico nas secreções, crostas ou cortes histológicos da pele, sendo mais comum o diagnóstico positivo em casos de doença disseminada, podendo então ser observadas formas alongadas, em “charuto” e/ou formas leveduriformes com gemulação ou corpos asteroides (CRUZ, 2010). Segundo Thrall (2002), a cultura fúngica é o método definitivo para o diagnóstico da esporotricose.

### 2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Foi atendido no Ambulatório do Hospital de Clínicas Veterinária da Universidade Federal de Pelotas (HCV – UFPel), no dia 16 de maio de 2012, um canino, fêmea, da raça Akita, com um ano e meio de idade. Na anamnese, a proprietária relatou que o animal ficava em um pátio, onde havia acesso livre de gatos errantes. Além disso, apresentava há cerca de três meses, lesões na região do focinho e aumento de volume do mesmo. As lesões começavam em forma de nódulos, que dias após ulceravam, liberando secreção purulenta. A proprietária ainda relatou que devido a esta secreção, o animal havia sido medicado com enrofloxacina, 5 mg kg<sup>-1</sup>, a cada doze horas, havendo melhora no quadro clínico, porém as lesões do focinho continuavam a se desenvolver. Devido ao aumento de

volume do focinho e as lesões presentes no mesmo, foram solicitados exames como radiografia de face e citoaspirado dos nódulos. Foram enviadas para cultura fúngica amostras das secreções e crostas nasais a fim de estabelecer diagnóstico definitivo.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na radiografia de face, não foram visualizadas alterações ósseas ou de tecido, porém na citologia, foram encontradas estruturas compatíveis com leveduras. Devido ao resultado do exame citológico, foi solicitada cultura fúngica das secreções e crostas coletadas, na qual houve crescimento do fungo *Sporothrix schenckii*. Com o diagnóstico positivo para esporotricose, o tratamento com o antifúngico itraconazol foi iniciado na dose de 10 mg kg<sup>-1</sup>, a cada doze horas.

De acordo com Carvalho (1991), a esporotricose é uma infecção fúngica que acomete tanto humanos quanto animais, causada pelo fungo dimórfico *Sporothrix schenckii*, não havendo predileção por raça, idade ou sexo. A esporotricose é considerada rara em cães quando comparados com felinos – espécie na qual é comumente relatada a ocorrência de casos de esporotricose-, sendo o primeiro caso canino descrito no Brasil, em 1964, por Londero, Castro e Fischman, no qual foi relatada a forma cutânea disseminada (MADRID, 2007).

Classicamente, a esporotricose cutânea ocorre pela inoculação traumática do fungo, que é encontrado no solo, matéria orgânica e em plantas ou ainda pela mordedura, arranhadura ou contato direto com exsudato de lesões de animais infectados (FILGUEIRA, 2009). Brum et al. (2007), cita a ocorrência de contaminação também por inalação, aspiração ou ingestão do fungo. Na anamnese do presente relato, o proprietário afirma o contato do animal com gatos errantes, sendo a arranhadura ou mordedura a possível fonte de inoculação.

As lesões típicas da esporotricose consistem em uma inflamação papular ou nodular (HARVEY, 2001). De acordo com Souza (2009), os sinais clínicos comumente identificados são o surgimento de massas alopecicas, ulceradas e não-pruriginosas na região torácica dorsal, na cabeça, no pavilhão auricular e plano nasal. No paciente relatado, foram observadas lesões no focinho, estando de acordo com os achados citados na literatura.

Alves (2010) propõe que o itraconazol é atualmente o fármaco de escolha para o tratamento das diversas manifestações clínicas da esporotricose. Conforme estudos de Heidrich (2011), nas formas cutâneas disseminadas, linfocutâneas recidivantes e extracutâneas, a anfotericina B mostra-se mais efetiva, entretanto tem como inconveniente a forma de administração e a toxicidade. Segundo Nobre et al. (2002), os fármacos triazóis, como o itraconazol e fluconazol, podem ser utilizados até a cicatrização das lesões e até que as culturas se tornem negativas. O uso do medicamento pode estender-se por até 30 dias após a cura clínica. No caso, o fármaco de eleição foi o itraconazol, utilizado na dose 10 mg kg<sup>-1</sup>, BID. Como o animal já havia passado por antibioticoterapia, sem que fosse observada a melhora definitiva das lesões do focinho, fez-se necessário o uso de outros meios complementares de diagnóstico, como a cultura fúngica. Dessa forma, foi possível estabelecer definitivamente o diagnóstico de esporotricose. A terapia instituída ao paciente com um fármaco de alta especificidade na doença teve como objetivos a involução dos sinais clínicos, a melhora do cão e a menor possibilidade de efeitos colaterais.

O prognóstico para a esporotricose pode variar de regular a bom, entretanto se os medicamentos forem administrados erroneamente pode haver recidiva (SOUZA, 2009).

O animal ainda encontra-se em tratamento, mas até o momento tem respondido de forma efetiva à terapia.

#### **4 CONCLUSÃO**

A esporotricose, por apresentar lesões extremamente parecidas com outras enfermidades cutâneas e raras em cães, é de difícil diagnóstico. Porém, deve ser considerada como diferencial em animais que apresentem lesões não responsivas a tratamentos com antimicrobianos de amplo espectro. Este trabalho mostra a importância do clínico veterinário no estabelecimento do diagnóstico presuntivo, bem como na solicitação dos exames complementares corretos.

#### **5 REFERÊNCIAS**

ALVES, S. H.; BOETTCHER, C. S.; OLIVEIRA, D. C.; TRONCO-ALVES, G. R.; SGARIA, M. A.; THADEU, P.; OLIVEIRA, L. T.; SANTURIO, J. M.. *Sporothrix schenckii* associated with armadillo hunting in Southern Brazil: epidemiological and antifungal susceptibility profiles. Rev. Soc. Bras. Med. Trop.; n.43, v.5, p. 523-525, 2010

BRUM, L. C.; CONCEIÇÃO, L. G.; RIBEIRO, V. M.; HADDAD JÚNIOR, V. Principais dermatoses zoonóticas de cães e gatos. Clínica Veterinária, n.69, p. 29-46, 2007

CARAVALHO JR, J.; CALDWELL, J. B.; RARDFORD, B. L.; FELDMAN A. R. Feline-Transmitted Sporotrichosis in the Southwestern United States. West J Med.; n.154, v.4, p. 462–465, 1991

COLODEL, M. M.; JARK, P. C.; RAMOS, C. J. R.; MARTINS, V. M. V.; SCHNEIDER, A. F.; PILAT, C. Esporotricose cutânea felina no Estado de Santa Catarina: relato de casos. Veterinária em Foco, v.7, n.1, p 18-27, 2009

CRUZ, C. S. A; FERREIRA, M. L. Ocorrência de esporotricose em animais domésticos: uma revisão bibliográfica. XIV Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e X Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba, 2010

FILGUEIRA, K. D. Esporotricose na espécie canina: relato de um caso na cidade de Mossoró, RN. Ciência Animal Brasileira, v. 10, n. 2, p. 673-677, 2009

HARVEY, R. G.; MCKEEVER, P. J. Enfermedades de la piel en perro y gato. Espanha: GRASS Edicions, 2001.

HEIDRICH D; STOPIGLIA C. D.; SENTER L.; VETORATTO G.; VALENTE P.; SCROFERNEKER M. L. Successful treatment of terbinafine in a case of sporotrichosis. An Bras Dermatol.; 86(4 Suppl 1):S182-5, 2011

LARSSON, C. E. Sporotrichosis and Cryptococcosis. 30th World Congress of the World Small Animal Veterinary Association, 2005, Mexico city, Mexico

LONDERO, A. T.; CASTRO, R. M.; FISCHMAN, O. Two cases of sporotrichosis in dogs in Brazil. *Sabouraudia*, v. 18, p. 273-274, 1964.

MADRID, I. Esporotricose- Relato de caso. 35º Conbravet, 2008, Gramado, Brasil.

MADRID, I. M.; SANTOS JÚNIOR, R.; SAMPAIO JÚNIOR, D.P., MUELLER, E. N.; DUTRA, D.; NOBRE, M. O.; MEIRELES, M. C. A. Esporotricose canina: relato de três casos, *Acta Scientiae Veterinariae*, v.35, p. 105-108, 2007.

MADRID I. M; XAVIER M. O.; MATTEI A. S.; CARAPETO L.P.; ANTUNES T. A.; SANTOS JÚNIOR R.; NOBRE M. O.; MEIRELES M. C. A. Esporotricose óssea e cutânea em canino Braz. *J. Vet. Res. Anim. Sci.* v.44 n.6, p. 441-443, 2007.

NOBRE, M. O.; NASCENTE, P.S., MEIRELES, M. C. A., FERREIRO, L. Drogas antifúngicas para pequenos e grandes animais. *Ciência Rural*, Santa Maria, v. 32, n.1, p. 175-184, 2002.

SOUZA, N. T.; NASCIMENTO, A. C. B. M; SOUZA J. O. T.; SANTOS, F. C. G. C. A; CASTRO, R. B. Esporotricose canina: relato de caso, *Arq. Bras. Med. Vet. Zootec.* vol.61 n.3, Belo Horizonte, 2009

THRAL, M. A.; Cytologic Features of Head and Neck Lesions; Western Veterinary Conference; 2002; CA

VERDE, M. ZOONOTIC DERMATOSES IN CATS. Proceeding of the NAVC North American Veterinary Conference, 2005, Orlando, Florida

VIEIRA NUNES, J. E.; CHAPON CORDEIRO, J. M.; ARAÚJO, G. A.; CAETANO, C. F.; SARMENTO, C.; SCHUCH, I. D.; SCOPEL, D.; CLEFF, M. B; ANTUNES, T. DE A. ; MADRID, I. Esporotricose- Relato de caso. 35º Conbravet, 2008, Gramado, Brasil.